

# RELATOS DE EXPERIENCIA

## PEDAGOGIA NA INSTITUIÇÃO: relato de um trabalho em processo com universitários da UFMG

Écio Antonio PORTES  
Pedagogo da FUMP, Mestrando  
em Educação-FAE/UFMG

O trabalho pedagógico iniciado em fevereiro de 1989 na Fundação Universitária Mendes Pimentel <sup>(1)</sup> insere-se em um projeto maior de atendimento aos universitários <sup>(2)</sup> da UFMG, proposto e desenvolvido pela Seção de Orientação Social dessa Fundação. A proposta pedagógica colocada em discussão neste relato, ao se inserir em tal projeto, também se nega como prática acabada, para poder continuar avançando, com o necessário vigor, como processo.

Tem caracterizado o trabalho pedagógico proposto a orientação, reflexão e discussão das dificuldades de aprendizagem e outras dúvidas escolares dos universitários da UFMG, principalmente daqueles que "não conseguem aprender".

Assim procura-se, dentro de uma prática interdisciplinar (serviço social, pedagogia, psicologia e psiquiatria), discutir com o universitário a necessidade, a importância do ato de refletir livre e criticamente.

Para que fosse possível atingir esse objetivo, necessário foi que se abandonassem os métodos tradicionais da pedagogia que se orientam pela mensuração de habilidades, da inteligência do indivíduo descontextualizado.

Apresenta-se, então, o problema: abandonados esses instrumentos, como trabalhar pedagogicamente no âmbito da Instituição (no caso FUMP/UFMG), com adultos universitários que, em determinado momento histórico,

deixaram de aprender, de ter rendimento, produtividade acadêmica na Universidade?

Inicialmente, não estava muito claro o que esses universitários demandavam do pedagogo. Por outro lado, o pedagogo também não sabia o que "oferecer", de forma satisfatória.

Evidenciou-se, então, a necessidade de ambos se educarem nas relações a serem mantidas, com o rigor, o cuidado, a necessidade de ir-se avaliando que conhecimento é possível extrair e organizar dessas relações e como colocá-lo a serviço do entendimento do nosso problema: "o não aprender"<sup>(3)</sup>.

À medida que os "casos" foram aparecendo, primeiro de forma bastante tímida e agora mais assumidamente <sup>(4)</sup>, foi-se pesquisando, o que havia (há) de comum entre eles, como atores na cena escolar social: não ouvem rádio, não vêem televisão, não lêem jornal, revistas, livros, não namoram, não possuem grupos, não gostam de política, não vão ao cinema, teatro, shows, não praticam esportes etc., e são extremamente dedicados ao curso no qual se encontram matriculados, embora não obtenham "rendimento acadêmico" satisfatório com relação às normas da UFMG.

De acordo com esses casos, pode-se traçar o seguinte perfil do universitário hoje, na UFMG, com problema de aprendizagem: é de sexo masculino; possui em média 27 anos de idade; é solteiro; tem origem no interior de Minas Gerais (58%) e em Belo Horizonte (42%); cursa entre o 3º e 4º períodos do curso que frequenta; é aluno que entrou no 1º semestre do ano no qual prestou vestibular e possui uma história significativa de trabalho remunerado, além de ter origem na classe trabalhadora. Esse universitário, majoritariamente, é encaminhado à Seção de Orientação Social por outros setores da FUMP, Seção de Benefí-

cios (55%) e seção de Saúde Mental (25%) e se distribui entre os vários cursos oferecidos pela UFMG, no período diurno, em 92% dos casos.

A aparente contradição de os universitários do curso diurno apresentarem maiores dificuldades pode ser explicada pelas características dos cursos oferecidos nesse período, (horário integral, maior dedicação real, competitividade, etc.), além de, na maioria dos casos, o universitário não conseguir conciliar trabalho e estudo, de forma satisfatória.

(1) A FUMP - Fundação Universitária Mendes Pimentel tem como ATIVIDADE FIM prestar assistência aos universitários dela necessitados. Desta forma oferece um leque de benefícios, após estudo sócioeconômico, tais como redução preço bandeirão, isenção taxa matrícula, bolsa de trabalho, de manutenção, amparo financeiro, empréstimo para compra de material escolar, entre outros. E, de forma mais ampliada, assistência médica, odontológica, pedagógica, psicológica e psiquiátrica.

(2) Optou-se por utilizar no relato a terminologia UNIVERSITÁRIO, que melhor caracteriza aquele que frequenta o ensino superior.

(3) Para Sara PAIN, em *Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem*. 2a. ed. . Porto Alegre: Artes Médicas, 1985, a aprendizagem é uma função que, especialmente na infância e na adolescência, garante a conservação e expansão das estruturas do sujeito, bem como sua adaptação à transformação contínua que lhe impõe o crescimento, o que a leva a considerar o "não aprender" como uma disfunção ou inibição.

(4) Em março de 1990 somaram-se 182 casos, dos quais 70 passaram pelo pedagogo. Destes, 32 casos foram estudados, sendo a maioria (59,4%) da área de Ciências Exatas. Além da procura espontânea, há indicações de encaminhamento pela escola de origem do aluno.

Orientando-se, assim, pelo princípio da alienação<sup>(5)</sup> buscou-se, como primeiro passo de um trabalho pedagógico, a RECONSTRUÇÃO CRÍTICA DA HISTÓRIA ESCOLAR desses universitários.

Falemos, pois, dessa reconstrução, que se tem firmado como prática fundamental na proposta pedagógica em processo na FUMP/UFMG.

Neste momento procura-se, junto ao universitário, reconstruir de forma crítica TODA sua escolarização, a partir dos primórdios da mesma, conectando-a a passagens marcantes e fundamentais de sua vida, ligando-as aos aspectos políticos, sociais, econômicos, culturais e afetivos, na procura de contextualizar, entender o universitário como uma pessoa completa e complexa, com origem de classe, na sociedade. É quando, de forma mais refletida, o universitário pode perceber qual tem sido a função histórica da escola formal na nossa sociedade e como ele se situa nesse sistema.

Essa reconstrução apóia-se também em documentos escolares tais como históricos, cadernetas de notas e outras produções próprias do universitário, quando possível (poesias, cartas, escritos diversos, etc.).

Num segundo momento, todo material coletado na pesquisa para a reconstrução é analisado, interpretado do ponto de vista pedagógico e devolvido (literalmente) ao universitário, que interfere, participa, discute e se posiciona de forma clara diante de todo esse processo. Portanto, é sujeito no mesmo.

No próximo passo, o universitário avalia de forma escrita e com liberdade todo o processo vivenciado até esse momento, tendo em vista o que o trouxe até à Instituição e o que esperava da proposta pedagógica oferecida, a ser construída.

A avaliação escrita (que também é discutida) da Reconstrução Crítica da História Escolar, tem esclarecido ao universitário sua posição como sujeito com origem de classe definida no atual sistema escolar e auxiliado enormemente

na compreensão de que o seu baixo "rendimento acadêmico" não é uma questão de "método de estudo" e, sim, de determinantes mais amplos, o que de certa forma o alivia um pouco do sentimento histórico de ser "burro".

Entretanto, faz-se necessário ir além em alguns casos, considerando a natureza e o arraigamento do não aprender instalado.

Nesse sentido construiu-se um conjunto de atividades, sempre tendo em vista o objetivo norteador da proposta: a necessidade, a importância do ato de refletir, libertando-se de situações limitadas e condicionadoras do exercício da reflexão, como forma de se conhecer, conhecer o outro - o mundo - de ir além da situação imobilizante na qual se encontra. Nessas atividades adota-se como estratégia o uso de recorte de situações breves (crônicas, poesias, pequenos textos gráficos, charges, fotografias, notícias cotidianas, etc...) que ofereçam pluralidade de interpretação e riqueza de discussões.

Pretende-se, com essas atividades, executar um movimento contrário àquele da alienação, ao fundamentá-las nas mais variadas áreas do conhecimento, tais como: filosofia, política, história, educação, lazer, economia, artes, literatura, comunicação, linguagem, etc...

Acompanha e completa cada atividade uma avaliação escrita, feita de forma crítica pelo universitário, onde ele avalia todo seu empenho, seu envolvimento, ao executar a atividade proposta e uma avaliação oral para concluir e dirimir algumas dúvidas (e colocar outras tantas).

Nesse processo, avaliar não é um mero exercício burocrático. É muito mais. É o momento em que o universitário produz por si, sem interferência do pedagogo, tudo aquilo que lhe foi possível perceber do trabalho executado. Mais tarde, ele será confrontado com toda sua produção material (as avaliações) e terá oportunidade de fazer uma síntese de todo seu processo e do

trabalho pedagógico proposto.

Cada atividade, por uma série de limitações institucionais, tendo como a mais séria e limitadora a questão do espaço físico, ainda é trabalhada de modo individual o que, por outro lado, evita a possibilidade de vir a ser uma "receita" preformista. Espera-se que a partir de julho o trabalho possa ser desenvolvido de forma coletiva junto aos universitários, o que dará a ele mais significado e vigor, já que se trata de uma prática no espaço do conflito - universitário/UFMG/FUMP.

Acredita-se ser ainda um pouco prematura uma avaliação mais aprofundada, em termos quantitativos, dos resultados alcançados por aqueles universitários que aceitaram participar do trabalho pedagógico proposto pela Seção de Orientação Social da FUMP.

Entretanto, estamos acompanhando de forma longitudinal - semestre por semestre - o "rendimento acadêmico", a "produtividade" escolar daqueles universitários que vivenciaram o trabalho proposto.

Após um ano, podem-se ressaltar alguns pontos, entre outros, que se manifestam de forma positiva naqueles universitários que sistematicamente trabalharam a proposta pedagógica da SOS e aqueles outros pontos que se tornaram esclarecedores quando da execução dos trabalhos e compreensão dos mesmos.

(5) A prática de estudar (o trabalho) é entendido pelo universitário, com o qual tenho trabalhado, como prática escravizante, externa a ele, sem significado algum; prática que lhe rouba a energia vital, não lhe dá prazer intelectual ou físico; prática que o expropria de si mesmo e das práticas sociais mais amplas e o torna estranho a si, às suas possibilidades humanas, aos outros, ao mundo. Portanto, de forma simplificada, bem próximo do conceito de alienação no sentido que lhe é dado por Marx, ação pela qual um indivíduo, um grupo, uma instituição de uma sociedade se tornam alheios, estranhos, enfim, alienados aos resultados ou produtos de sua própria atividade, ou à natureza na qual vivem, a outros seres humanos, a si mesmos.

1. Todos aqueles que participaram metodicamente do trabalho apresentam um "rendimento acadêmico" bastante satisfatório com relação aos semestres anteriores.
  2. Há uma melhor adequação da matrícula, com relação àquela proposta pelo colegiado do curso que o universitário frequenta e/ou uma valoração positiva com relação à mesma.
  3. O universitário compreende melhor sua situação na Universidade em função de sua posição de classe e história escolar.
  4. São melhor compreendidas as relações de poder que se estabelecem entre professores e universitários.
  5. Há uma sensível melhora na utilização da linguagem oral quando da comunicação a ser executada.
  6. O ato de avaliar sistematicamente e por escrito todas as atividades, de forma livre e crítica, segundo os universitários, tem contribuído para avaliar também as situações nas quais se envolvem diariamente.
  7. Há compreensão de que não se pode viver isoladamente das relações sociais mais amplas (na produção, no lazer, na escola, na família, no grupo, etc...), mesmo estando totalmente voltado para a execução de um curso universitário.
  8. É quase impossível, desalentador, improfícuo obter-se "resultado" positivo quando o universitário não se envolve com o trabalho proposto.
  9. Há constatação de que a consciência de um problema, somente, não põe fim a ele; é necessário empreender práticas nesse sentido.
- Todo esse processo pedagógico (para o universitário, o

pedagogo e a Instituição) permitiu elaborar como hipótese de pesquisa e trabalho que o não aprender parece dominar o universitário e empurrá-lo para um isolamento da realidade social coletiva.

Entende-se por realidade social coletiva o conjunto de fatos ou acontecimentos que, interessemos ou não por eles, chegam até nós, maciçamente veiculados pelos meios de comunicação (rádio, jornais, televisão, revistas, etc.). Fatos que, de uma forma ou de outra, não poderíamos negar ou ignorar.

Ainda como hipótese, considere-se que a negação, o desconhecimento de tal realidade social coletiva poderá esclarecer que o universitário está vivendo um perigoso processo de isolamento (o não aprender) em uma só área do conhecimento - em detrimento dessa área e de um todo<sup>(6)</sup>. E que, ao ser sensibilizado para o que está ocorrendo - com ele e com o mundo - poderá o universitário reverter tal processo de isolamento e também formular questionamentos significativos na investigação do conhecimento particular (o curso universitário) sem perder o contato com a realidade social coletiva na qual ele também se insere.

Essas hipóteses esbarram em questões significativas que necessitam ser socializadas, melhor entendidas, quando se discute a pedagogia comprometida com a aprendizagem na Instituição (UFMG e FUMP) e não a conformação dos indivíduos a ela.

Essas questões variam de ordem e natureza, porém se entrelaçam a todo momento e assim podem ser apresentadas:

- como se inscrever o trabalho do profissional da educação preocupado com a participação do indivíduo nas relações sociais amplas, num contexto marcadamente privilegiador do problema e que tem como pressuposto de orientação da prática profissional a execução de tarefas burocráticas, acrílicas e cristalizadas;

- como entender o conflito evidenciado na cena institucional quando há confronto entre uma proposta pedagógica alternativa, diferente de uma pedagogia da Instituição que contribui para a formação de um indivíduo "marginal", manietado e entendido como "incapaz" socialmente;

- como poderá, dentro desta perspectiva de trabalho pedagógico, ser compreendido e desvelado o dilema da não aprendizagem de adultos no seio da universidade;

- quais os riscos de uma proposta pedagógica fundamentada numa diversidade de áreas do conhecimento, na tentativa de executar um movimento oposto ao da alienação quando, sobremaneira, aprofunda-se cada vez mais em um ramo específico do conhecimento, diante da parcelarização das funções sociais;

- como articular de forma abrangente essa proposta pedagógica com o conjunto dos professores, universitários e a Universidade, para que ela não venha a ser mais uma prática quixotesca e isolada;

- que fazer para torná-la reconhecida pela Universidade, para dela merecer espaço físico adequado ao desenvolvimento de uma prática coletiva;

(6) Em conformidade com percentuais já apresentados na nota (4), veja-se, por exemplo, que a totalidade dos universitários da área de Ciências Exatas participante da amostra tem sérias dificuldades localizadas em "Cálculo Diferencial e Integral I", disciplina do Instituto de Ciências Exatas da UFMG.

Essas são algumas questões/reflexões necessárias a um pedagogo que tem como objeto de estudo a não aprendizagem de uma parcela significativa de universitários com origem de classe definida, para que sua prática não se fossilize na mesmice cotidiana de "o que está sendo feito é ótimo".

Para terminar, quero dizer que relatar esse trabalho pedagógico em processo com universitários da UFMG presta-se também como momento de sistematizá-lo, questioná-lo, avaliá-lo um pouco mais, numa esfera pública (uma revista), o que implica abrir espaço para debates, críticas e contribuições necessárias à construção de conhecimento do objeto de estudo

em questão - o não aprender de universitários - que, infelizmente, não tem sido tema das produções teóricas em educação.